

Instituto Politécnico Lisboa
Escola Superior de Teatro e Cinema

Tese de Mestrado
"Uma História de Interior"
Argumento e Guião

Mestrado em Desenvolvimento de Projeto Cinematográfico
Especialização Narrativas Cinematográficas
Docente Orientador: João Maria Mendes
Discente: Tiago A. Pereira

Índice

O Projeto	4
Influências ao Projeto	5
A importância da região transmontana no cinema nacional	7
Retorno ao Douro	13
Conceito	14
Espaço	16
Personagens	19
Casting	28
Conclusão	30
Bibliografia citada	32

Vemos no Evangelho o entorpecer dos sentidos e mesmo as fugas que o álcool acarreta: “Dai bebida forte ao que está prestes a perecer, e o vinho aos amargurados de espírito. Que beba e se esqueça da sua pobreza, e da sua miséria não se lembre mais” (Provérbios 31:6.7) (texto recuperado por <http://www.oconsolador.com.br/ano3/119/eduardo_lourenco.html>)

As Escrituras alertam para o perigo de se beber vinho alcoolizado.

A Bíblia é consistente com isso no Velho e no Novo Testamento.

“No fim picará como a cobra, e como o basilisco morderá.”

Dor e envenenamento. (Provérbios 23:32)

(texto recuperado por <<http://andreaneas.com/tag/vinho/>>>)

O Projeto

Este trabalho de desenvolvimento surge como complemento de uma história (argumento e guião) criada e desenvolvida, de maneira a ser filmada num futuro próximo.

O meu projeto final, que me confere o grau de mestre, é pois, o desenvolvimento de um argumento e guião, apoiado num trabalho de pesquisa e desenvolvimento, que no seu todo, justifique a minha história.

A minha história é muito particular porque está diretamente ligada com as minhas raízes, com a minha educação e com a forma como eu vejo o mundo.

Para mim, a identidade cinematográfica, surge como um produto de um contexto cultural onde é concebida. Ou seja, esta obra, surge principalmente devido às minhas origens transmontanas, à forma como vejo aquela região e como a destaco da vida citadina. A cultura daquela região é uma cultura essencialmente portuguesa. É uma cultura que identifica um país, através de um produto internacionalmente comercializado, o vinho do Porto.

Procurei enquadrar este trabalho, com as tendências do cinema português contemporâneo. Procurei perceber o que foi filmado, escrito e imortalizado sobre aquela região - a minha região. Através de uma pesquisa sobre a história do cinema português e suas principais mudanças, consegui evidenciar tudo aquilo que particularmente me influenciou ao longo deste desenvolvimento.

A caracterização das personagens, o desenvolvimento dos diálogos estão o mais próximo possível da simplicidade. Ao procurar essa simplicidade, estava a ir de encontro à pureza de uma região, no interior de um país europeu, que vive em contacto com a natureza. Uma região que é diferente, porque está isolada das grandes metrópoles, das grandes indústrias. No entanto, eu procurei o conflito desse mesmo espaço com uma das maiores cidades europeias - Londres. Londres na sua magnitude e na sua unicidade.

Uma aldeia, uma floresta ou uma cidade, filmados em Espanha, Itália ou em Portugal são diferentes entre si. Todos os fatores que influenciam essa filmagem são diferentes. A luz, as formas, a cor, a textura, tudo é diferente.

Eu procurei identificar uma identidade cinematográfica retratada por uma cultura latina e compará-la diretamente com identidades diferentes, num país diferente, retratadas por culturas diferentes.

A mistura de personagens com nacionalidades diferentes, os conflitos culturais entre eles, e o conflito entre cidade e campo são o que demais caracteriza esta história.

Para a elaboração deste projeto, trabalho final de mestrado, procurei enquadrar a região, Trás-os-Montes e Alto Douro, na literatura, no cinema e cultura portuguesa. Fazer um levantamento daquilo que evidencia a região ainda hoje a nível nacional e internacional. Ao ser nativo da região, facilmente compreendi que os nossos maiores valores culturais estão efetivamente ligados com a gastronomia e as romarias, festas e tradições populares, que vão passando de ano para ano, de geração em geração, assim como as horas do Douro.

Este projeto é resultado duma extensa pesquisa assente em livros, internet, visitas a museus da região, participações em masterclasses do Douro Film Harvest e questionários sobre algumas temáticas que caracterizam esta história.

Influências ao Projeto

Entre 1756 e 1760, Marquês de Pombal, criou uma das primeiras zonas demarcadas do mundo para produção de vinho. As horas do Douro passaram, passam e vão continuar a passar...

Dos vários autores consagrados que refletiram, escreveram e desenvolveram trabalhos cinematográficos e/ou literários, sobre Trás-os-Montes e Alto Douro, espelha-se a firmeza e o orgulho de uma região diferente e única. A região demarcada do Douro. Eça de Queirós comparou a vida numa pacata cidade serrana (Tormes) e a vida agitada nas grandes metrópoles (Paris). Na sua obra *A Cidade e as Serras*, também a categoria espaço é a que mais se destaca, pois revela-se fundamental para a compreensão da história.

Camilo Castelo Branco apoiou-se em muitas das suas vivências entre o Douro e o Minho, entre as serras e as cidades, para criar romances realistas e desenvolver personagens que viriam a viver alguns obstáculos que o próprio autor viveu.

Parte das suas obras viriam também a ser adaptadas para cinema.

Miguel Torga defendeu a região e mostrou a simplicidade de um pedaço de terra, algures situada num reino maravilhoso.

Agustina Bessa-Luís, criou romances em espaços idílicos, montes e vales nas margens de um rio, como não há outro (texto recuperado por Nello Avella, Revista Camões 12/13):

“Para Manoel de Oliveira, o rio da “sua aldeia” encontra-se no Norte de Portugal, é o Douro que desemboca no Porto, a sua cidade natal, e é transversal como o Tejo, mas profundamente diferente deste. “Rio majestoso como não há outro”, diz Agustina Bessa-Luís, a grande escritora, de cujos textos o poeta do cinema retirou várias das suas obras primas. No início de *Fanny Owen*, o romance no qual se baseia o filme “Francisca” (1981), Agustina diz que o Douro não foi tão celebrado quanto o Tejo ou o Mondego (este último ligado, entre outras coisas, à trágica morte da famosíssima Inês de Castro)” [...]

Uma parte dessas obras, foram adaptadas para cinema pela mão do mais velho cineasta do mundo, ainda em atividade, o mestre Manoel de Oliveira.

Um rio que é Douro e, segundo o qual, Manoel de Oliveira se “debruçou” para eternizar em película cinematográfica, espaços reais e distinguidos pela UNESCO como Património da Humanidade.

António Barreto, originário da região, declarou há cerca de 3 anos atrás, numa notícia avançada pelo cafeportugal.net, que a situação daquele espaço único, que leva o nome de Portugal aos quatro cantos do mundo, é uma situação social difícil. O turismo pode representar uma ameaça (texto recuperado por <cafeportugal.net>):

“O sociólogo António Barreto avisou, no Porto, que «há ameaças muito sérias ao Douro», acrescentando que «atividades novas [como o turismo], se desregradadas, podem matar a região»”.

[...]

“O sociólogo, que é originário do Douro, considerou que «além de apresentar hoje uma situação social difícil, o Douro, senhor de um património inigualável, não tem hoje quem fale por si, quem o defenda»”.

Durante a sua produção *As Horas do Douro* (2010) ele conviveu com as gentes da terra e pôde apurar as valências e as ameaças que predominam na região. Um documentário que enfatiza o ciclo do vinho, o produto mais forte da região.

Assente nestas influências, nestes autores, também eu criei uma história sobre o mesmo espaço. Porém, as minhas temáticas são um pouco mais complexas. Eu procuro, agora, em pleno século XXI, na segunda década, focar os valores humanos, encontrar as divergências sociais e dar a perceber internamente quais são as maiores ameaças àquela região.

A problemática que surge é, o futuro do Douro? Deverá a região ser protegida para não cair nas mãos dos estrangeiros: angolanos, ingleses, alemães, e outros?

Hoje em dia, a Casa do Douro, mercê de erros passados, já não tem poder para defender a região.

A produção do delicioso e incomparável vinho, está cada vez mais difícil. O esmagamento dos preços, a massificação da produção mundial de vinhos atira o prestigiado vinho do Porto para um mercado extremamente competitivo, que leva hoje, os próprios produtores a questionar o futuro das suas quintas.

Surge então, uma nova valência às quintas no Douro. O turismo. Uma grande parte das quintas do Douro, têm hoje, para além da sua produção vitícola, outros serviços à disposição, em que todos eles se destacam no setor do turismo rural.

Segundo estudos divulgados recentemente, numa notícia avançada pelo Diário de Notícias, a região do Douro perdeu 16 mil habitantes numa década (texto recuperado por <dnoticias.pt/>):

“O Douro é a região que mais vinho produz e exporta em Portugal, mas é também um território empobrecido, envelhecido e que perdeu 16 mil habitantes desde que foi classificado pela UNESCO há 10 anos”.

Se consultarmos os censos de 2011, os resultados Pré-definitivos mostram-nos que Portugal tem cerca de 19% da população com 65 ou mais anos de idade (excerto recuperado por <ine.pt/>):

“A população idosa, com 65 ou mais anos, residente em Portugal é de 2,023 milhões de pessoas, representando cerca de 19% da população total. Na última década o número de idosos cresceu cerca de 19%”.

Estas consultas e referências estatísticas vão de encontro à questão que eu coloquei anteriormente e, ao cerne da minha história sobre este espaço: - Qual será o futuro do Douro, quando a região tem tendência a desertificar, e a população a ficar cada vez mais idosa?

Depois de tantas obras sobre a mesma região, valerá a pena questionar, agora, o futuro de um reino maravilhoso. O futuro de um vinho único no mundo e uma vertente social que está cada vez mais implementada, numa “aldeia global”.

Através de duas personagens, duas gerações diferentes, eu tento mostrar essa mesma problemática. Eu tento evidenciar esses e outros aspetos que levam às seguintes questões:

- Será o turismo uma ameaça ao Douro, ou será uma salvação?
- Estão os jovens disponíveis a fazer renascer uma nova voz na região? Defendê-la e elevá-la num mercado cada vez mais global, em termos gastronómicos e turísticos?

A importância da região transmontana no cinema nacional

No meu entender e de acordo com algo que li há uns anos atrás, sobre Manoel de Oliveira, o cinema é uma marca cultural. Ou seja, desde que haja uma identidade e, uma língua que vincule essa identidade, então temos um cinema cultural. Um cinema capaz de expor a cultura de um povo.

Manoel de Oliveira é, com certeza, uma das melhores referências para o justificar. Tudo isto viria a ganhar sentido, com a marcante e reconhecida obra de docuficção *Acto de Primavera* (1963) de Manoel de Oliveira. O realizador andou pela região transmontana para imortalizar uma cultura. O filme, ao evidenciar um ritual de carácter religioso, funciona como um registo de memória coletiva do país e da sua identidade, como afirma João Mário Grilo (Revista Camões nº12/13):

“Para mim, nessa noite do inverno de 75, Manoel de Oliveira - então um cineasta quase desconhecido para um espectador de província - surgia como uma espécie de xamane da cultura portuguesa, que me apontava no ecrã um caminho para o olhar. E esse caminho, que outros (muitos outros) seguiram como eu - é bom não esquecer que António Reis, por exemplo, foi assistente de realização do “Ato...”, está indissolivelmente ligado ao rito, a um movimento geral (tribal, diria) de ritualização da cultura portuguesa”.

A cultura, o povo e a paisagem portuguesa, foram imortalizados em vários filmes que o mestre Oliveira realizou na pacata região transmontana.

Mas terá havido outro realizador português capaz de uma obra tão extensa como Manoel de Oliveira? Não. Oliveira é único nesse sentido. Conta já com trinta e duas longas metragens ao longo da sua carreira, e o mais velho cineasta em atividade no mundo.

Haverá, hoje, alguém com um olhar tão significativo? Uma capacidade tão única de transmitir aquilo que se vê, para além de filmar só o que lá está?

Iremos perceber, mais à frente, que Oliveira não foi o único autor português a conseguir um trabalho único. Mas, certamente, o mestre Oliveira foi quem impulsionou, esses autores únicos, a conseguir [mais tarde] uma forma de trabalhar cuidada, paciente e sensível capaz de, ainda hoje, homenagear o cinema nacional.

Certamente para quem conhece e acompanhou o percurso deste cineasta, a obra que Manoel de Oliveira deixou, é algo tão valioso para a cultura portuguesa, como a obra de alguém como Fernando Pessoa, ou Caravaggio (Manuel Casimiro, Revista Camões nº12/13):

“Manoel de Oliveira escreve com imagens, pinta com palavras, sublinhadas nos sons e nos silêncios. [...] É longo, muito longo o tempo em que o autor caminha só, tendo unicamente como companheiros de viagem a sua autenticidade e lucidez, razões que lhe bastam e o impelem a prosseguir. Por vezes termina o caminhar, antes de qualquer reconhecimento à obra construída, só bem mais tarde é que a aceitação acaba por acontecer. Não foi isso o que se passou, por exemplo, com Fernando Pessoa? Outros autores levaram mesmo centenas de anos a ser verdadeiramente entendidos universalmente. Com Caravaggio, um dos pintores revisitado nas imagens dos filmes de Manoel de Oliveira, só ao fim de uns três séculos se compreenderia a importância e a influência da sua pintura. [...]

Dirão alguns que os tempos hoje são outros. Contudo parecem-me bem piores, com uma globalização inevitável, já a avançar, defensora acérrima do bom negócio acima de tudo, impedindo o que se lhe oponha. A originalidade, a autenticidade, num tal panorama, corre risco de não ter razão de ser, pois pela sua própria natureza podem contrariar, dificultar o comércio, o objetivo primeiro.

Vivemos numa época onde paradoxalmente se privilegia a embalagem ao seu conteúdo. [...]

Obras como a de Manoel de Oliveira possuem dinâmica própria, refletem o passado no presente, e em atualização permanente projetam-se no futuro.

Ora seguindo o raciocínio de Manuel Casimiro posso evidenciar alguns pontos que estão vincados no meu trabalho e nas minhas referências. Tal como Miguel Torga, também Manoel de Oliveira caminhou só. É, segundo Casimiro, uma das razões para atingir a autenticidade e a lucidez que caracterizam um artista único.

Uma globalização inevitável, refere Casimiro. Que se alimenta no bom negócio (leia-se dinheiro, capital) e por ventura, vai levando uma marca cultural ao declínio e a consequente perda no tempo.

Um tempo presente que está evidenciado pela imagem. Ou seja, aquilo que se vê, mais do que aquilo que está por baixo do papel de embrulho. Será aprazível ver cinema com magníficos efeitos especiais, espetaculares imagens criadas em computador? Certamente que sim. Se formos de encontro às estatísticas que eu mostro, na minha análise SWOT [anexos] e só para referir um pequeno exemplo - Portugal - podemos perceber que é aprazível. São os filmes mais vistos. É o puro entretenimento que as pessoas mais procuram ao invés de um cinema como uma forma cultural, um espelho de alma.

E um filme simples e cru, com um tempo de ação muito lento, introspetivo e real? É um tipo de cinema mais difícil de aceitar, as pessoas recusam pensar. Só uma minoria aceita o cinema como um meio de comunicação.

No entanto, será esta a moral da história de Manuel Casimiro? Resta apenas uma certeza: obras como a de Manoel de Oliveira, serão eternamente distintas, pois refletem uma cultura, um povo e a sua história.

Saindo um pouco da criação e entrando mais na parte da produção da cinematografia portuguesa, um dos que se evidenciou pelo seu trabalho foi António da Cunha Telles.

Cunha Telles tem um papel importantíssimo no cinema português, no arranque do *Novo Cinema* [um movimento vanguardista que marca a década do Estado Novo].

O cinema nacional sofre um forte abalo na década de 50 e, o regresso de António da Cunha Telles ao nosso país, nos inícios da década de 60, vem dar um novo rumo e uma nova força à pequena indústria cinematográfica portuguesa.

Depois de fundar a *Produções Cunha Telles*, produz o filme *Verdes Anos* (1963) de Paulo Rocha e *Belarmino* (1964) de Fernando Lopes, que marcam uma viragem no panorama cinematográfico português.

Enquanto produtor, o papel de Cunha Telles é muito significativo, uma vez que, ele próprio tentava criar condições de auto-suficiência na produção de filmes e conciliar cinema de arte com cinema de grande público.

Para além disso, funda também uma distribuidora *Animatógrafo* que possibilita novas influências sobre o cinema português nos inícios dos anos 70. É através desta distribuidora que grandes nomes do cinema europeu e soviético (Bertolucci, Eisenstein, Vigo, Karmitz, entre outros) entram no nosso país.

Cunha Telles traz então uma nova visão do cinema, onde através de uma diferente linguagem, a qualidade do filme não é condicionada pelas leis do espetáculo ao gosto do público.

Atualmente dirige a produtora *Filmes de Fundo* que tem em parceria com a sua filha, Pandora da Cunha Telles, e dedica-se essencialmente a produções executivas de filmes estrangeiros rodados parcialmente em Portugal.

É nos anos 70, que o cinema português se debruça mais sobre uma vertente de antropologia visual e à prática da etnografia de salvaguarda. Realizadores como António Campos, António Reis e Manoel de Oliveira, integram esta nova vertente do cinema, num estilo mais documental. As obras cinematográficas realizadas na região transmontana, procuravam uma sobriedade poética, uma nobreza real da própria natureza e a condição humana.

Uma década mais tarde, Trás-os-Montes tornou-se uma referência no cinema da identidade nacional. A década de 80, fica marcada pelo abandono da prática do documentário, na tentativa de explorar o tema antropológico pelo lado ficcional.

As personagens desenvolvidas e retratadas nessa região, ganhavam traços dos rostos de Miguel Torga. Eram esses traços expressionistas que marcavam e, ainda hoje marcam, uma região quer pelos filmes realizados no passado, quer pelas obras de literatura de Miguel Torga.

António Reis e Margarida Cordeiro são alguns dos cineastas que trabalhavam o filme de maneira a vincar esses mesmos traços expressionistas, que demais caracterizavam uma cultura e uma identidade nacional.

No decorrer da minha investigação e desenvolvimento, ganho conhecimento de António Reis e Margarida Cordeiro como observadores atentos de uma região singular. Para além disso, Margarida Cordeiro é transmontana, natural do concelho de Mogadouro.

Autores de obras como *Trás-os-Montes* (1976) e *Ana* (1985) marcaram um estilo de cinema nacional. A vontade própria e a maneira como conseguiram mostrar um espaço único, distinguiu-os a nível Europeu.

O casal deixou uma obra única. Os seus filmes foram influência para muitos autores e ainda hoje são distinguidos. Prova disso são algumas das reflexões e críticas ao trabalho destes dois autores portugueses, que eu exponho a seguir. De 6 a 9 de Julho de 2012, a *University of California, Los Angeles* (UCLA), apresentou uma exibição dos 4 filmes de António Reis e Margarida Cordeiro, num programa de exibição cinematográfica intitulada, *The Films and Legacy of António Reis and Margarida Cordeiro*. (texto recuperado por <<http://www.cinema.ucla.edu/events/2012-07-06/films-and-legacy-antónio-reis-and-margarida-cordeiro>>):

“For today’s preeminent Portuguese filmmakers, no single figure has been more influential than António Reis”. - Artforum

“Little known in the U.S., António Reis is revered in his native Portugal as a visionary artist whose films—and many years as a beloved teacher and mentor—exerted an immeasurable influence over the post-Salazar rebirth of Portuguese cinema and the new generation of filmmakers that emerged in the 1980s and 1990s.”

[...]

“The pioneering mode of poetic ethnographic cinema which Oliveira and Reis defined guided the four extraordinary works Reis co-directed with his wife, the psychologist Margarida Cordeiro, culminating in *Trás-os-Montes* (1976), a lyrical search for the very “soul” of Portuguese culture and history in the myths and peasant folklore embodied in Portugal’s remote far-north region”.

Durante esta apresentação nos Estados Unidos da América, na Califórnia, ficou bem claro, que estes dois autores influenciaram o renascimento do cinema português, numa época pós-Salazar. Mas, para além disso, e na minha interpretação desta exibição, penso que este evento, serve para mostrar como retratar uma cultura, como trabalhar o filme para imortalizar um povo e, de resto, homenagear um cinema nacional.

Falando em nome próprio posso dizer que, ainda hoje, o trabalho destes dois autores exerce uma grande influência, principalmente, num trabalho como o meu, cuja principal temática está inserida numa região já trabalhada e estudada.

Ainda sobre a exibição *The Films and Legacy of António Reis e Margarida Cordeiro* (excerto recuperado por <<http://www.cinema.ucla.edu/events/2012-07-06/trás-os-montes-portugal-1976>>):

Sobre *Trás-os-Montes* (1976):

“Reis and Cordeiro’s undisputable masterpiece exploded the meaning and possibilities of ethnographic cinema with its lyrical exploration of the still resonant myths and legends embodied in the people and landscapes of Portugal’s remote Trás-os-Montes region”.

[...]

“Painstakingly researched and shot over the course of one year, Reis and Cordeiro became intimate with every person included in their ambitious film, carefully selecting the different voices, faces and gestures that would together provide an extraordinary composite, associative and mythological response to the question of how to define a “national cinema.”

Este filme é, sem dúvida, o melhor e mais aclamado destes autores. Eu penso que é importante perceber que todo o trabalho foi muito mais profundo do que apenas retratar o que lá estava. Viver a região, conhecer as suas gentes, perceber as raízes e a cultura de um povo, de uma região, que acaba por definir um cinema nacional.

Para António, o desafio tornou-se maior quando percebeu que aquilo que ele fotografava não era exatamente aquilo que ele sabia que existia lá, nessa região (texto recuperado por <antonioreis.blogspot.pt/>):

“Vejo, outra vez, as fotografias que tirei em Trás-os-Montes. Quase todas mentem. Nenhuma dor intolerável nelas ficou. Nenhuma esperança. Qualquer raiz”.

[...]

“Como quem parte de uma sombra para um poema, e de uma folha guardada para a memória, parto de imagens fluídas para uma província perdida”.

Ora, se para ele, aquela, era uma província perdida, não seria ela um perder de uma cultura onde vigoravam movimentos primordiais e ancestrais?

Seria o espaço Trás-os-Montes o veículo que levava o espectador a refletir sobre si próprio e perceber o tempo que passa, o mundo em mudança e a sua consequente evolução?

De acordo com uma crítica de Luís Miguel Oliveira, ao filme *Ana*, estes dois autores encararam em *Trás-os-Montes* e *Ana* uma visão cinematográfica transcendente (texto recuperado por <antonioreis.blogspot.pt/>):

“Como acontecia no filme precedente, o interesse de Reis e Cordeiro pelo território transmontano obedece tanto a uma lógica do concreto (filmar aquele espaço, compreender aquelas pessoas) como a alguma coisa de mais profundo, mais "subterrâneo" se quisermos, que passa por procurar ver em Trás-os-Montes a manifestação de uma hipotética ordem universal das coisas. Ou seja, Trás-os-Montes nunca aparece no filme de Reis e Cordeiro apenas como um espaço físico confinado e delimitado (se assim fosse, estaríamos no campo do estrito documentarismos, "rótulo" que não cola convincentemente nem a *Ana* nem aos outros filmes do casal), pelo contrário, o olhar dos cineastas transfigura a região (e as suas pessoas, as suas características, as suas práticas sociais) e fá-la aparecer como uma espécie de "eco do mundo" - como se fosse possível encontrar, ali, uma série de movimentos simultaneamente primordiais e eternos. Todo o filme vive do fluxo incessante entre estas duas dimensões: do lugar ao universal e deste de novo para o lugar, numa troca constante que não faz mais do enriquecer (de sentido e de poder emocional) cada um dos seus elementos”. [...]

Depois de ter estudado o trabalho, e feito inclusive análises a filmes de David Lynch (durante este mestrado) não posso descurar a oportunidade de uma comparação, ou salientar talvez pontos de vista, filosofias em comum, com o António Reis. Fazendo referência à capacidade de filmar o transcendente - o que está para lá daquilo que vemos - como faz Luís Miguel Oliveira relativamente ao trabalho de António Reis e Margarida Cordeiro, eu questiono aqui uma possível comparação entre este autor nacional e o norte-americano. É claro que o trabalho de Lynch se identifica num contexto muito mais bizarro. O recurso ao onirismo, o surreal, a provocação e a ousadia que choca. Este é todo um contexto que está fora de comparação.

Eu pretendo evidenciar a capacidade de realização, a forma como ambos vêm aquilo que filmam. Tão única e distinta. É essa unicidade e distinção que os leva a atingir um resultado final de extrema beleza. É o caso de *The Straight Story* (1999), o filme mais “normal” de David Lynch, onde é feita por parte do realizador, uma alegoria à existência humana. Ele “pinta um quadro” da *América countryside*, onde mostra as emendas de um passado quando nos apercebemos do nosso inevitável desfecho, a morte. Certamente, o caso de *Trás-os-Montes* (1976), será uma tentativa de imortalizar práticas sociais da existência humana, a memória de uma região portuguesa no interior. Algo que se perde no tempo, assim como, a vida.

Há também outras influências que surgem no decorrer da minha pesquisa sobre cinema, entre as quais um especial interesse pelo trabalho de Edgar Morin e de Jean-Claude Carrière.

Dziga Vertov desenvolveu o termo cinema-verdade, no início do século XX, mas tal como outras formas de arte, o cinema evoluiu em género e em técnica. É importante perceber que o cinema, desde a sua existência, é visto como uma opção de entretenimento, lazer e informação.

“O cinema é talvez a realidade, mas é também outra coisa, geradora de emoções e sonhos”. (Morin, p. 26)

“O cinema é uma experiência aberta, em permanente autodescoberta, uma linguagem que evolui na procura de novas formas”. (Jean-Claude Carrière, p. 42)

As reflexões do filósofo Morin e do autor Carrière, são para mim bastante importantes enquanto estudante de cinema. Para mim, estas duas frases, revelam a capacidade da imagem em movimento.

É esta aceitação, que eu trago sempre presente nos meus trabalhos de pesquisa e desenvolvimento, que me permite ir mais longe enquanto criador de histórias.

É através da manipulação (ou não) da imagem em movimento, que nós podemos levar a mensagem ao espectador, mostrar a realidade ou permitir-lhe sonhar.

“a nossa vida de sentimentos, de desejos, de receios, de amizade, de amor, desenvolve, toda a gama de fenómenos de projeção-identificação...” (Morin, p. 111)

Esta história de ficção permite identificar dois mundos distintos, duas etapas da vida, a relação do Eu com o Outro. Tanto por parte da história, como pela parte do público, surge o “imaginar”, o “acrescentar” de um veículo que nos leva à sua problemática. O espectador deve preencher a analogia mínima que vincula a imagem filmica à realidade objetiva.

Este desenvolvimento anterior vem de encontro ao que eu qualifico de mais importante no meu projeto: o espaço e as personagens.

Isso fica essencialmente vincado nos conflitos principais desenvolvidos para esta trama. Assim como o conflito entre campo / cidade existe o conflito pai / filho que assume um protagonismo narrativo e que serve de fio condutor a toda a jornada do protagonista.

O que me interessa desenvolver e transpor, é a relação entre o décor e a personagem, o tratamento do set e a mise-en-scène. O trabalhar e elaborar da mise-en-scène, vai permitir ao espectador ir mais além, questionar-se e identificar-se com o que está a ver. E para mim, esse é o aspeto mais importante a desenvolver neste trabalho.

A mensagem, a moral, não é uma evidência. Existe um espaço de reflexão pessoal que sugere aquilo que é filmado.

Os meus dois personagens principais vão sempre mudando ao longo da história. Digamos que o filme pode ser visto como se tratasse de duas fases diferentes da vida. O percurso de António podia eventualmente ser o mesmo percurso de Miguel, caso ele desistisse da sua experiência em Londres e da ideia que querer viver algo diferente. Então será que posso assumir que o meu protagonista, são pai e filho?

Eu procuro, também, enfatizar o choque da personagem Miguel na mudança de espaços, campo e cidade. Miguel não terá uma transformação ou alteração como a personagem Júlio em *Verdes Anos* (1963) de Paulo Rocha, mas também ele enfrentará dificuldades no espaço urbano, onde os seus valores rurais se opõem aos citadinos. A surpresa que será para ele ver uma cidade sempre movimentada. A forma como ele olha as pessoas de uma cultura diferente (punks). Mesmo a forma como ele encara as realidades, por exemplo, na festa que Marco dá em sua casa, ele prefere ficar no seu canto, a beber e a ter uma calma conversa com Dasa.

Regresso ao Douro

As frases que escolhi para iniciar o meu trabalho, não foram escolhidas ao acaso. Estas, remetem para as escrituras do antigo e velho testamento da Bíblia. Num país onde cerca de 85% da população são católicos romanos [segundo a enciclopédia livre online], a presença e a veneração a Deus está patente numa província antiga como Trás-os-Montes. Para além dessa referência, ao salvador máximo, ambas as frases falam sobre o perigo de se beber vinho alcoolizado. O vinho que sempre acompanhou a história da humanidade é, para uns como um refúgio, para outros um prazer ou o fim.

O vício do vinho.

Este, é o maior vício que circunda uma região como Trás-os-Montes. Seja pobre, seja rico, seja homem ou mulher. O vício do vinho alcoolizado. O vício do licor dos Deuses.

Na região, que melhor distingue Portugal na Europa e no Mundo, pelo seu vinho, este não poderia deixar de estar presente. No entanto, eu tenho a preocupação de mostrar os dois lados. O vinho enquanto produto comercializável e um forte negócio. E o vinho enquanto companheiro de solidão, que no afogar de mágoas, renasce para a dor e sofrimento.

O meu traço transmontano e a minha convivência com um povo que vive nas montanhas, levam-me a querer retratar um pouco daquele espaço em película cinematográfica.

Não penso que um espaço se “gaste”, nem tão pouco que deixe de ter coisas para oferecer. Por essa razão que eu desenvolvo esta história e a tento mostrar segundo a minha visão e a minha capacidade relativamente aos seus problemas atuais.

Como ninguém ama o que não conhece, eu tenho uma verdadeira paixão pelas minhas origens. Este trabalho de pesquisa, este desenvolvimento de uma história de interior, ao mesmo tempo rural, ao mesmo tempo real, levam-me a conhecer melhor cada canto, e a entender melhor a natureza e o povo; e no final, a conhecer-me melhor a mim mesmo.

A minha identidade não está apenas na relação humana e social, está sim, no conjunto do espaço e tempo em que o cidadão vive a sua vida.

O homem é, por desgraça, uma solidão: Nascemos sós, vivemos sós e morremos sós. (Miguel Torga - 1907 - 1995)

Dos autores citados ao longo deste desenvolvimento, aquele que melhor identifica e contribui para a minha história e, o meu trabalho, é Miguel Torga. Um dos mais distintos escritores portugueses de todos os tempos e ainda, um homem tão só. Eu faço referência ao mais alto defensor daquele reino sagrado e acrescento que foi na terra que ele buscou a sua identidade (citação recuperada por <www.traco-freudiano.org/>):

“[...] cada qual procura-se onde se sente perdido. Eu perdi-me em Portugal e procuro-me nele”. (Miguel Torga - 1907 - 1995)

Conceito

Quando comecei a desenvolver o conceito desta história, a minha preocupação era mostrar o Douro no seu estado atual. Talvez como o António Reis, era mostrar uma província perdida. Uma região esquecida, num país esquecido devido à sua pequenez. Hoje, só através da história podemos perceber que Portugal foi um país grande. Conquistou mares, terras e descobriu “metade” do mundo, que na altura era uma incógnita.

A minha preocupação continua a ser a mesma, porém, a minha história desenvolveu para “outros mundos”. Criei conflito entre mundos. O mundo rural e o mundo citadino. O meu jovem protagonista já não se sente bem no seu mundo rural, na sua pacata quinta, nas suas origens telúricas. O espaço *Douro* passa a ser também o veículo que leva o espectador a refletir sobre si próprio, numa analogia a *Trás-os-Montes* de António Reis.

De uma ideia original em mostrar a solidão que vive imersa nesta região, um dos meus objetivos era mostrar a sua desertificação.

O enquadramento paisagístico deste território, dá uma certa qualidade e um sentido de vida que está a ser observado pelo espectador. Contudo é no mais belo enquadramento que o homem pode ser infeliz e mergulhar numa profunda solidão, causada pelo abandono dos nossos mais próximos e queridos.

Em traços gerais eu persigo a ideia original. Eu estou a escrever uma história para cinema sobre um homem que foi abandonado pelo seu próprio filho. Um homem que nunca conseguiu superar a perda da mulher. Um homem que se questiona porquê continuar a viver, quando perdeu tudo o que tinha. Um homem que perde o amor por si próprio e que inevitavelmente acaba por perder a vida através do bem mais precioso que tinha, o vinho.

Um jovem que vai à procura do seu sonho, de alegria e sucesso. Um jovem que começa a ficar saturado e refugiado de si mesmo e se depara com uma crise existencial. Contudo, é obrigado a regressar à terra e à calma da vida, na esperança de encontrar o seu pai vivo, mas percebe que chegou tarde, não podendo evitar o inevitável.

Como já foi referido anteriormente, a génese desta história surge devido à minha ligação com a terra. Um pouco como Miguel Torga, também eu sou telúrico e dou grande valor às minhas origens transmontanas. Acredito que aquela região tem grande potencial para servir de fundo a conteúdos cinematográficos. De uma beleza sem igual, a região do Douro, marca pela paisagem e pelo seu maior produto, o vinho.

Nesta história apresento dois espaços diferentes, no mesmo tempo, e no mesmo estado de espírito. Se por um lado tenho a natureza no seu estado tratado e cultivado, como forma de vida, por outro tenho a cidade, onde não existe natureza, mas todo e qualquer tipo de indústria e setor financeiro. É portanto nestes espaços diferentes (Vale do Douro e Londres) que eu coloco o meu protagonista e mostro a solidão que o acompanha ao longo da sua vida.

Esta estrutura narrativa linear base, foi desenvolvida para criar novos pontos de viragem e novos sub-plots. Dessa transformação resultaram novas questões éticas e morais, tanto para o António (pai) como para o Miguel (filho). São levantadas questões como o fracasso da educação por parte do pai, o vício do vinho, a superação da perda e da ausência, e a herança.

Com esta história eu tento pôr duas vidas em paralelo. Muitas vezes corto a narrativa linear das cenas e mostro os dois lados da vida, a juventude e a maturidade. Pretendo montar algumas cenas de espaços diferentes em paralelo. Mostrar o conflito que vivem os personagens principais do meu filme, no mesmo intervalo de tempo. Um pouco a ideia de *Babel* (2006) de Alejandro Iñárritu [se puder dar um exemplo mais concreto].

A vida do pai, que está “perdido” algures na natureza e a vida do filho que está na luta pela sua felicidade em Londres. Separados por vários quilómetros mas ligados por um amor incompreendido e que lhes escapou aos dois.

Outro ponto que eu gostaria de referenciar é a maneira como acabo esta história. Uma história que trata diretamente a vida humana. Eu tento mostrar esse ciclo, por o caminho de um pai e um filho. Um filho que cresce e se forma um homem. Um homem que se perde e acaba por morrer. No entanto na parte final, virá um novo ciclo, como se fizesse parte de um círculo. Morre o mais velho, mas nascem duas crianças.

Ou seja, esta é a premissa da vida: - Nascemos para morrer.

A chave principal desta história está no espaço e nas personagens. No entanto, estes sub-plots vêm de certa forma provocar o espectador. Procurar a atenção, a identificação e o reconhecimento de uma cultura latina, imersa num país pequeno, numa província perdida. A viagem a Londres é o desafogo do protagonista, é a entrada no seu mundo especial e o percurso que ele terá que fazer para se aceitar, para se compreender e encontrar a paz de espírito.

Eu classifico este projeto como uma história de ficção.

Pretendo apanhar a natureza e a quinta no seu estado natural, Londres, na sua naturalidade. No entanto, a ficção vai de encontro à história que apesar de em certos aspetos retratar uma realidade, é uma história ficcional criada exclusivamente para o tema deste filme.

Espaço

Trás-os-Montes

The Transmontanos are known in Portugal for their often plentiful table, usually filled with wine, olive oil, sausage and bread.

Trás-os-Montes e Alto Douro é uma região sem igual, apelidada por um dos seus maiores escritores como um reino maravilhoso.

A cultura que identifica a região é uma cultura ligada à terra. Ao cultivo da mesma e a tudo o que esta nos pode oferecer. Para além do produto mais valioso, o vinho, a região é também conhecida pelo fumeiro, os enchidos e o presunto de Lamego. Lamego é nacionalmente conhecido pelo seu presunto, a sua bola de carne e de sardinha. Pelo país fora, onde quer que se organize um certame gastronómico, com certeza, iremos encontrar uma loja de Lamego, com estes distintos produtos à venda.

Trás-os-Montes e Alto Douro é, então, uma região conhecida por se comer bem. Por as suas gentes, terem a mesa farta com estas iguarias na hora de comer. E além disso por serem bastante acolhedoras. Quem visita a região sabe o que é ser convidado para beber vinho e comer em casa alheia. Os transmontanos gostam de receber gente de fora e convidá-los a beber do seu vinho e provar dos seus produtos caseiros, tais como presunto ou enchidos. É algo que lhes dá prazer e orgulho, terem alguém de fora a apreciar os seus produtos, que são fruto de muito trabalho e dedicação.

Estas qualidades gastronómicas, esta identidade e esta cultura é algo que eu pretendo mostrar na minha história. Principalmente através dos caseiros, Julia e Manuel, que são gentes da terra e foram educados desta maneira. Na casa de António não falta nada, há fartura e isso deve-se a Julia. Ela é a responsável por António ter produtos de qualidade para oferecer na altura em que recebe visitas na sua quinta.

O que marca também esta região são as festas religiosas. O folclore, as romarias, festas populares que geralmente duram de sexta a segunda [durante o fim-de-semana] e destacam a aldeia ou vila que está em festa. Através de foguetes, as povoações vizinhas percebem onde é a festa no próximo fim-de-semana.

Apesar das romarias serem tradicionais em todo o Portugal, a diferença das transmontanas para as minhotas ou outras, devem-se essencialmente com os santos padroeiros. Na região transmontana, os santos estão diretamente ligados com as serras, as vinhas, as mezinhas e curas sagradas. Não estão ligadas com o mar, mas sim com tudo aquilo que predomina nas montanhas e que é venerado pelos católicos transmontanos.

É portanto do meu interesse inserir parte dessa tradição religiosa na minha história. Mostrar o valor destas gentes, o que as faz felizes e como confraternizam nos momentos festivos de verão. Para além dos bailaricos tradicionais à noite, o momento mais marcante é, sem dúvida, a majestosa procissão que mobiliza toda a gente da aldeia, miúdos e graúdos a encherem as ruas de um povo (leia-se aldeia ou vila) para assistirem a uma procissão embelezada com flores naturais, vestidos coloridos e andores, no acompanhamento solene de bandas filarmónicas.

Devo acrescentar que por volta desta altura as aldeias e pequenas vilas enchem-se de multidões. O regresso dos emigrantes com suas novas famílias, dão alento aquela aldeia que durante um ano, tem apenas dezenas de habitantes. O regresso do homem [ou da mulher], que a terra viu crescer, mas que como muitos outros teve que partir para ganhar dinheiro, trabalhar, viver e ter uma vida melhor.

Toda esta singularidade marca a identidade desta região. São estes os principais aspetos, nos quais eu encontro os valores antigos que passam de geração em geração, quando caracterizo o espaço rural da minha história. É toda esta identidade que vai ter termo de comparação com uma cidade gigante onde não há identidade, nem valores “tão humanos” que a caracterize.

Trás-os-Montes já não é aquela província que ficou imortalizada no filme de Reis e Cordeiro. Já não temos os movimentos primordiais e inocentes que caracterizavam um povo. Uma região distinta.

Já lá vão 36 anos. Hoje, aquela região vive também ela influenciada pelos meios sociais. A internet, a tecnologia. Uma informação global que leva a uma evolução de mentalidade e de cultura. Os mais jovens vivem agarrados aos computadores, à tecnologia e quando se perde o convívio social, acaba por se perder uma cultura, tradições e valores que no passado caracterizaram uma região.

O tempo passou. Há coisas que nunca mudam, outras mudam. A região mudou. Não no espaço, mas na mentalidade, tradições e costumes. Algumas perdem-se com o tempo outras ainda resistem. Se será por muito mais tempo, não se sabe. A verdade é que enquanto elas existirem, este país continuará a ter uma cultura e uma identidade própria.

É, se quisermos, a vida e as tradições que pararam no tempo, e a vida que se perde no tempo. Este tempo que se perde ao ir de casa para o trabalho, e na volta. Este tempo que se perde ao dormir e ao adormecer. Nos encontros e na procura. Todo o tempo que precisamos e às vezes não temos. Ou todo o tempo que temos em demasia e nos aborrece em não ser aproveitado. Um tempo que nos pode provocar uma ansiedade e/ou depressão e se identifica como um estado de stresse.

Pois vivemos sozinhos, crescemos sozinhos e morremos sozinhos.

Londres

As razões pelas quais eu escolhi Londres e não outra cidade qualquer, deve-se essencialmente com a minha experiência na cidade e ser uma das minhas favoritas.

Londres, é por si só, um espaço único. Uma cidade sem igual. O que a torna única e desejada no mundo é a sua multiculturalidade, com mais de 300 idiomas falados no seu território. A sua cultura snob britânica, a arte, a moda, a música, a história e o poder. Depois da minha experiência de três meses na cidade, no Verão de 2006, fiquei sempre com desejo de lá voltar. É, sem dúvida, uma das minhas cidades favoritas, não porque é uma azáfama, mas porque é diferente. Pude perceber, efetivamente o que caracteriza aquela cidade. O que a diferencia das outras, e o que a torna única. É a cidade mais visitada e um dos maiores, mais importantes e influentes centros financeiros do mundo, partilhando esta característica com Nova Iorque.

A sua área metropolitana representa o quinto maior PIB do mundo e o maior da Europa. [segundo a maior enciclopédia online].

Eu procuro filmar em Londres o que a cidade tem para oferecer. As suas diferentes raças que se podem cruzar com o protagonista, abordá-lo, ou ajudá-lo e como estes encontros o afetam de certa forma. A perseverança da juventude moderna, num país que está mais além que Portugal, a nível de mentalidade, de valores e cultura. Pretendo retratar parte da arte e cultura dos bairros típicos centrais de Londres, como Old Street, Angel, Leicester Square, Soho, Piccadilly Circus. A vasta oferta que existe na cidade, seja a nível gastronómico, seja a nível musical, arte cidadina ou moda.

Acima de tudo, o olhar do protagonista, Miguel, é o olhar do espectador. Apesar de eu já não ir à cidade desde 2006, lembro-me do que mais me marcou. E são alguns destes aspetos que eu pretendo por em evidência, na minha história, num momento inicial. Num momento em que ele está a conhecer a cidade, “entrar” nela. Quase em jeito documental, se quisermos. O espectador que nunca teve a possibilidade de ir a Londres, vai pelo olhar do meu protagonista ver o que caracteriza aquela cidade.

Na parte mais avançada da minha história, Londres já não o entusiasma desta forma. Depois de ele perder Dasa, estar a pontos de perder o pai e estar a perder-se a ele próprio, aqui a cidade terá o papel inverso. O protagonista ao andar bêbado, “perdido”, desamparado a deambular pela cidade, vai sentir-se engolido pela mesma. Vai sentir “medo”, angústia e stress/ansiedade no meio daquela confusão toda. Ele tem momentos em que se sente melhor em casa, fechado no seu canto. Outros momentos em que precisa de sair porque está sufocado, ao sentir-se preso e sozinho dentro de quatro paredes.

Em conclusão:

O que eu procuro nos meus espaços é a sua naturalidade, a sua originalidade. Este confronto de espaços que provocam, alteram e surpreendem o protagonista. Miguel estudou no Porto, mas a diferença da cidade do Porto para Londres é abismal. Não tem comparação possível. Para além disso, o Porto foi a única cidade onde ele viveu para além da sua quinta. Uma pessoa que é criada num mundo rural e sai para uma cidade como Londres, vai de encontro a um “mundo novo”. Está sujeito a uma *culture shock*. É esse mundo novo que eu quero que o meu protagonista veja e viva. É esta mudança que o vai levar a tornar-se numa outra pessoa, com uma nova visão da vida.

Personagens

Ao longo do desenvolvimento da minha história, pude perceber que as personagens e o espaço, são os pontos mais importantes a tratar no meu projeto.

As personagens que criei e desenvolvi, para esta história, são baseadas em pessoas que eu conheço na vida real.

Tanto no espaço - campo: como os caseiros (Manuel e Julia), a simpatia da dona da quinta (Maria); como no espaço - cidade: o italiano (Marco), a checa (Dasa).

Cada personagem não é definida, exatamente, por um tipo de personalidade que eu conheço, mas por vários. Posso dizer que o Miguel tem traços de amigos meus, seja a veia artística para o design, seja a calma e a determinação que o caracterizam, ou até o coração grande. No entanto, uma parte considerável, das personagens, são registos autobiográficos.

Aqui apresento uma descrição bastante pormenorizada de 14 personagens que, são para já, as intervenientes nesta história.

Comecei por descrever o perfil biográfico das personagens principais. Fazer uma certa caracterização cultural e psicológica das personagens que marcam e dão avanço a esta trama.

Então, eu apresento uma descrição do caminho das personagens mais importantes, até ao início da história. Ou seja, o que as levou a ser o que são, lutar pelo que lutam, agir conforme agem. Esta descrição surge como uma justificação do elenco.

Personagens:

- **Principais:** Miguel, António;
- **Secundárias:** Sofia, Dasa, Maria, Julia, Manuel, Francisco, Ashley, Marco, Empregado do bar, Médica;
- **Figurantes:** Katherine, Paul, Estudantes na escola, trabalhadores na quinta, pessoas na festa do Marco, pessoas na rua Londres, pessoas no bar Londres, etc;

MIGUEL

Perfil Biográfico

Miguel é o protagonista. A história gira à sua volta. Ele decide o seu próprio futuro. Ele vive sob a influência do pai que passa de mentor a antagonista, pois vai contra os seus objetivos. Numa altura em que António se torna o antagonista, Matias assume a posição de mentor.

Miguel cresceu no Douro, muito amado e protegido pelos seus pais. Miguel era muito próximo de Maria, mais do que de António. Ao crescer na quinta e no mundo rural, aprendeu o sentido de liberdade e o respeito pela natureza. Ainda muito novo perde a mãe. Isso afeta-o muito, mas uma vez que ainda era criança, com o tempo conseguiu superar isso. Já o mesmo não se pode dizer de António. Na altura em que Miguel precisava mais do pai, este afastou-se e isolou-se do filho e do mundo. Miguel cresceu uma boa parte da infância e o período da adolescência sozinho.

Com a presença de António, naturalmente, mas sem afetos por parte deste. Sem o relacionamento que existia antes, na altura em que Maria estava viva. Miguel vai estudar numa faculdade do Porto, onde conhece Sofia, que mais tarde irá entrar outra vez na sua vida. Depois de acabar a sua licenciatura, volta à quinta e para além dos seus projetos de design, ajuda o pai em todas as tarefas de produção e gestão do mercado de vinhos. António vê nele o futuro da quinta, até perceber que esse não é o objetivo de Miguel.

A personagem

Um jovem alto, atlético, moreno e desconfiado. 25 - 30 anos. Vive com medo da regra do seu pai e com os momentos em que António está embriagado. Nasceu no interior, na região do Douro e sempre teve gosto pelo desenho e pela pintura. Perde a mãe ainda em pequeno, e sentiu sempre uma falta de afeto depois disso. António tornou-se mais frio e distante, e Miguel viu-se obrigado a crescer rápido para poder responder às investidas do pai.

Desde cedo começou a trabalhar com o pai na quinta e sempre esteve sob as regras de António. O seu sonho é trabalhar como designer e acaba por fazer uma licenciatura no ramo. Mais tarde decide tirar uma pós-graduação em Londres. Tem um objetivo diferente de António para o futuro da quinta.

Ironia do destino, certo dia recebe na sua quinta Sofia, que tinha sido sua professora. Esta traz um novo projeto para a quinta, que vai de encontro aos objetivos futuros de Miguel e a aproximação entre os dois é inevitável. Sofia tenta aproveitar-se de Miguel para ganhar poder sobre a quinta, mas Miguel depois de se aperceber do real caráter de Sofia, acaba a sua relação com ela e evita-a sempre que pode.

As divergências entre António e Miguel sobre o futuro da quinta geram mau ambiente entre os dois e Miguel decide ir para Londres e ficar por lá. É na cidade que ele se sente livre, que sente que tem uma vida, que ele quer viver. É o lado mais boémio que ele nunca teve, é a independência que ele sempre desejou.

Conhece Dasa numa festa de colegas de escola e tornam-se muito íntimos. Essa intimidade vai levar a uma relação de amor e paixão entre os dois da qual vai resultar a gravidez de Dasa. Antes de Dasa dizer a Miguel que está grávida, Sofia aparece em Londres e sem Miguel conseguir evitar, Sofia mente a Dasa sobre o namorado. Dasa demasiado triste perde o interesse em Miguel e abandona-o. Miguel vai mergulhar num estado solitário. Ele que sempre foi uma pessoa tímida, inseguro, vai ficar ansioso e por vezes sentir-se sufocado com o andamento de Londres.

Devido ao seu feitio de desconfiado, de introvertido e observador (tudo aquilo que ganhou do seu pai) ele sente-se melhor sozinho, do que partilhando a sua vida com desconhecidos. A ausência da natureza, o stress das pessoas e a confusão, provocam-lhe um certo desconforto, com o passar do tempo.

Quando se prepara para abandonar Londres devido à morte de António, descobre que vai ser pai de uma menina de Dasa. Conta toda a verdade a Dasa sobre Sofia e despede-se desta. Volta à quinta para transformar a quinta num resort de turismo como sempre ambicionou. Recebe Dasa na quinta e espera viver junto da mulher com a filha de ambos, até aparecer Sofia com o irmão de Miguel nos braços.

ANTÓNIO

Perfil Biográfico

António é o mentor do protagonista, numa fase inicial. É o aliado que se torna antagonista sem conseguir evitar. António cresce em Lisboa, filho de uma família com altas posses. É educado e orientado para o negócio durante toda a sua vida. Depois de herdar os negócios do pai, vende alguns bens e aposta na noite. Cria um grupo que detém discotecas e restaurantes em Lisboa. Dirige esse negócio com sucesso e nomeia um responsável máximo para tomar conta da sua indústria na capital, enquanto ele se vira para outros negócios.

António sempre foi um bon vivant, conhecedor da noite, dos sítios de requinte, na capital. Muitas vezes assediado por mulheres em festas que patrocinava, com um bom relacionamento com figuras públicas, mas sempre em low-profile. O seu jeito de ser.

Ao entrar na casa dos 30 decide que precisa de se retirar do stress da capital e viver a sua vida num lugar mais calmo. Pelo menos, passar parte do seu tempo entre um mundo rural e a vida citadina. É nesta altura que António viaja até ao Porto, conhece Maria e

percebe que vai haver uma mudança na sua vida. Acaba por comprar uma fabulosa quinta no Douro. Envolve-se com Maria e muda-se para o Douro, para dar um novo arranque ao negócio de vinhos da quinta. Os negócios de António estão entre a capital e o Douro. Ele não pode abdicar deles e não pressiona Maria para ir viver com ele. António faz a sua vida no Douro e gere à distância os negócios em Lisboa.

António quando vê Maria chegar à sua quinta de malas, fica bastante satisfeito e ao mesmo tempo surpreendido. A influência que Maria provoca na vida de António é notória. Ela é a parte que lhe faltava para ele poder alcançar a sua felicidade, para ele poder partilhar a sua vida e, para ter herdeiros. António torna-se um homem mais carinhoso, mais próximo, mais sensível.

António encontra o amor, a paz de espírito, o sabor da vida ao lado de Maria. Ao engravidar Maria, percebe que o seu futuro será na quinta. Ali, ao lado daquela mulher que o ama, criando os filhos e vivendo o resto dos seus dias. Vende todo o seu negócio que tinha em Lisboa, por uma larga quantia de dinheiro e dedica-se exclusivamente ao Douro, à família e à vida. Tudo isto é vivido de uma forma bela até ao desaparecimento de Maria. António tornou-se distante e frio, negou o apoio ao filho quando ele precisou e perdeu-se de si próprio.

A personagem

Um homem de estatura média, gordinho, loiro, e simpático. 50 - 55 anos. Português. É um homem da cidade que veio viver para a região do Douro, onde comprou uma quinta. Trabalhou muito para conquistar aquilo que tem e para poder dar o melhor ao seu único filho. Sonhava dedicar-se à produção de vinho com Maria, sua mulher, até o destino o trair. Perde a mulher e com isso torna-se frio, ausente, insatisfeito e revoltado com a vida. Acaba por não mostrar afetos ao seu filho, pensando em torná-lo um homem forte. Deixa-se levar pelo vício do vinho e vive o dia a dia, um pouco embriagado. É sob o efeito do álcool que se torna agressivo e trata o filho de forma incorreta. É no entanto um homem bem parecido, que gosta de vestir bem e é dono de uma das melhores marcas de vinho do porto. Recebe com frequência visitas de possíveis clientes e tem negócios internacionais que o obrigam a falar várias línguas. É inteligente, gosta muito de fado e revela-se um amante da natureza.

Para além do fado, sabe tocar piano e é no instrumento que ele se refugia nos momentos menos bons. O sonho dele é que o filho siga o seu negócio, o negócio do vinho e não destrua a quinta. Sofia aparece na sua vida, quando António já está num estado mais decadente e vulnerável. Ela acaba por se aproveitar dele e consegue engravidar. António morre devido a uma cirrose crónica mas deixa um filho, um irmão a Miguel. Um novo herdeiro da quinta.

MARIA

Perfil Biográfico

Maria é uma personagem secundária, mas é um ponto fundamental na razão de ser da minha história e será referenciada nos momentos mais dramáticos, apesar da personagem não estar presente.

Maria é uma personagem que surge para identificar a história e, para justificar o temperamento, a personalidade e o destino da personagem António.

Maria foi uma profissional de sucesso numa agência de viagens. Com um lugar distinto dentro da empresa, ela apresentava-se como imagem de marca e sucesso da mesma. As relações externas estavam sob a supervisão da mesma. Maria era extremamente inteligente, com um conhecimento muito bom sobre território nacional e destinos no estrangeiro. Estava a par do mercado de turismo e percebia de novos e prósperos projetos.

Numa campanha de promoção da região do Douro, a empresa organiza um certame nas caves de Gaia, onde expõe para além do normal - as quintas, o vinho, os passeios de barco - um novo conceito de turismo, o turismo rural. A ganhar força na região transmontana e, no interior, este passa a ser uma das maiores fatias de receita turística em todo o território nacional. É durante o certame que Maria fica a conhecer António, que se desloca de propósito de Lisboa a Vila Nova de Gaia, para atender ao mesmo. Os dois conhecem-se e António fica muito interessado em estudos de mercado e referências que Maria tem para apresentar. A aproximação e a química não é inicial, no entanto ambos se olham com respeito e um certo interesse. Numa viagem de negócios ao Douro, António e Maria ficam a conhecer-se melhor. António fica impressionado e visivelmente satisfeito com toda a informação que Maria lhe dá.

Ambos ainda novos, ela uma mulher na casa dos 20, muito bonita, inteligente e simpática e ele um homem de sucesso, educado e inteligente, não conseguem evitar a química que começa a crescer entre eles.

De regresso ao Porto, Maria percebe a atração que sente por aquele homem, mas guarda para si tudo aquilo que sente.

Dias mais tarde, António regressa ao Porto e convida Maria para jantar. Durante o jantar António conta a Maria que comprou aquela quinta no Douro que ela lhe tinha apresentado. Maria fica visivelmente satisfeita e deseja-lhe as maiores felicidades e sucessos. Depois do jantar a conversa torna-se mais íntima e ambos acabam por se beijar. António acaba por passar essa noite na casa de Maria antes de regressar a Lisboa. Esta relação entre eles é ainda fraca e Maria continua a fazer a sua vida normal na agência, no entanto, faz umas visitas a António na quinta para um jantar ou passar a noite. Com o passar do tempo algo muda dentro dela. Ela não consegue tirar António do seu pensamento, não consegue estar longe dele.

Um dia Maria chega à quinta de malas e bagagens. Ao vê-la a descarregar as malas, António fica surpreendido e ao mesmo tempo, muito satisfeito. Maria torna-se a mulher que António nunca pensou ter. Ela completa-o, ela torna-se o seu braço direito nos negócios e trata-o da melhor forma possível.

Maria engravida e dá a António um filho, Miguel. A vida no campo parece ser um *requiem for a dream* - o sossego eterno - no entanto o destino acaba por traçar a vida destas três personagens. Maria descobre que tem um cancro terminal, morre ainda jovem e isso irá ser o ponto de viragem na vida de António e por conseguinte na vida de Miguel.

A personagem

Uma mulher de estatura média, magra, morena, simpática. 35-40 anos. Portuguesa, mulher de António e mãe de Miguel. Deixa o seu emprego para trás para ir viver com o marido, para uma quinta no Douro e se dedicar à produção de vinho. Muito alegre e decidida é bastante respeitada e querida pelos “caseiros” da quinta. Depois de ver nascer o seu filho Miguel, descobre que tem um cancro terminal e acaba por falecer ainda muito nova.

SOFIA

Perfil Biográfico

Sofia é uma personagem que surge para provocar um avanço na história. É através desta personagem que surgem alguns “picos” ou pontos de viragem na trama.

Sofia é o produto de uma educação falhada. Ainda em criança viu os pais separarem-se e assistiu muitas vezes a confrontos entre os dois. Educada e criada apenas pela sua própria mãe, aquilo que desenvolveu foi produto das influências e conselhos desta. A mãe de Sofia também ela, destroçada pelo abandono do marido, fazia sempre questão de relembrar à sua filha para não se deixar levar pelos homens. Falou-lhe várias vezes de como se sentiu magoada por ter dado todo o seu coração ao homem que amou e, com o passar do tempo, sofrer sozinha o abandono do seu parceiro.

Sofia que sempre teve uma admiração pela mãe e sempre a ouviu com muito respeito, cresceu e começou a tornar-se mais independente. Ao atingir a sua idade adulta, começou a interessar-se por um rapaz. No início tudo foi muito bonito. Eles aproximaram-se, apaixonaram-se e viveram momentos de felicidade. Era visível a alegria na cara de Sofia. A mãe dela, percebeu que algo a influenciava. Percebeu a sua alegria, mas muito subtilmente questionava-a sobre a veracidade daquele relacionamento. Sofia vivia apaixonada e isso era o suficiente, até ao momento em que percebeu que o seu namorado não era aquilo que ela imaginava. Não merecia o seu respeito, o seu corpo e o seu coração. Sofia ficou destroçada. De nada valeram os abraços e os carinhos da sua mãe. De nada serviram as palavras de força que ouviu. Sofia tornou-se distante, fria, calculista e manipuladora. Acabando o seu curso virou-se exclusivamente para a sua carreira profissional e começou a ganhar desejo de poder. Com um belo corpo, com a noção da sua influência no mundo masculino, Sofia conseguia dar a volta aos homens. Dar-lhes aquilo que eles queriam em troca de algum poder, algo que a fizesse subir a escada da sua carreira profissional.

Esta experiência pessoal e profissional, tornaram Sofia numa pessoa totalmente independente, fria e orientada para os seus objetivos. Para ela não há entraves. Para ela a palavra “não”, não serve como resposta. Ela sabe como dar a volta e conquistar um sim.

A personagem

Uma mulher de estatura média, peso médio, bonita e rebelde. 30 - 35 anos. Portuguesa. Uma mulher manipuladora e fria, capaz de conseguir aquilo que procura. Uma arquiteta paisagista e professora universitária que coopera com uma agência em projetos de requalificação de espaços. Vive no Porto, mas vem ao Douro para falar pessoalmente com alguns proprietários das quintas e apresentar os seus projetos. Com uma grande paixão pela quinta de Miguel, decide ir apresentar o seu projeto ao proprietário. Fica espantada quando Miguel a reconhece e lhe diz que ela foi professora dele na faculdade. Ela vê nele uma boa oportunidade para poder pôr o seu projeto em prática, mas percebe que o seu maior entrave será António. Tenta seduzir Miguel e consegue. Tem uma relação com ele pouco duradoura e percebe que a única possibilidade de conseguir alguma coisa na quinta é seduzindo e manipulando António. Numa noite em que António está mais delibitado, devido à sua doença e à ausência de Miguel, esta consegue ter uma boa conversa com ele e com algum vinho à mistura, acabam por passar a noite juntos. Desta relação fugaz vai surgir a gravidez de Sofia. Depois de ter o seu filho e depois da morte de António, Sofia vai à quinta apresentar o irmão a Miguel. Um irmão que lhe vai pôr a herança da quinta em causa, para agrado de Sofia.

DASA

Perfil Biográfico

Dasa é a personagem que vai ensinar o protagonista a amar. Vai dar-lhe a entender o verdadeiro significado de amor. Vai fazer de Miguel o homem mais feliz e vai dar-lhe um herdeiro. No entanto este processo de conhecer o amor é bastante desafiador. Miguel depois de ter a mulher que ama, vai perdê-la.

Ao perder Dasa, perde o seu amor próprio, perde a força e sente-se bastante sozinho, zangado com o mundo. É na reconquista que Miguel percebe o quanto ama aquela mulher, o quanto importante Dasa é para ele.

Dasa é uma rapariga checa, que viveu toda a sua vida na região Morávia-Silésia da República Checa, mais precisamente em Ostrava. Uma cidade industrial, onde a indústria mineira era das mais fortes. Depois do comunismo abandonar o país em 1989, os checos ganharam um novo conceito de vida. As fronteiras abriram-se, o país desenvolveu novos recursos e novos negócios, com o resto da Europa. Em 1993, a então Checoslováquia divide-se e resultam dois países independentes: a República Checa e a Eslováquia.

Depois destas grandes mudanças, o país ganhou outra nova dinâmica na Europa, no entanto tal só se viria a perceber no início do século XXI, aquando da sua adesão à União Europeia. É neste período que muitos dos jovens checos, tentam novos desafios fora do seu país. Na procura de novas oportunidades, acabam por conhecer mais da Europa e do mundo e ganhar dinheiro, coisa que na República Checa era difícil. **

** Conhecimento próprio da posição sócio-cultural da República Checa. Vivi 9 meses no país, entre 2005 e 2006.

Dasa vem de uma família com poucas posses económicas, mas bastante unida. Com uma irmã mais nova, de quem gosta muito, Dasa é uma rapariga muito simpática mas lutadora e independente. O respeito, o amor e a força para lutar, marcam a sua família.

Depois de estudar gestão e administração na faculdade, Dasa recebe uma prenda dos avós maternos. O avô de Dasa, oferece à neta uma considerável quantia de dinheiro e diz-lhe para ela fazer uma viagem pela Europa, para conhecer melhor o mundo. É durante essa viagem que Dasa fica a conhecer Londres. Faz contactos com alguns checos que estão na cidade e decide vir trabalhar para Londres durante uns tempos para se poder tornar independente a nível económico e, para eventualmente ajudar os pais e a irmã, caso eles precisem de algum dinheiro. Ela quer tornar-se o porto seguro da família e deixa-os orgulhosos. A experiência de Dasa em Londres, acaba por moldar a sua personalidade. Ela uma rapariga lindíssima, depois ganhar alguma experiência em bares, restaurante e mesmo a nível da língua, acaba por ser convidada para fazer parte de uma equipa de modelos fotográficos. Neste mundo ela tem uma das experiências mais duras e hipócritas da vida dela. O mundo obscuro que esta por detrás da beleza das manequins, as drogas, as depressões e as doenças.

Ela percebe o que algumas mulheres têm que fazer para subir na carreira.

Ela que nunca foi muito de se apaixonar e ficar agarrada a um homem, acaba por gozar a vida sem grandes compromissos e vai percebendo melhor os homens. Vai conhecendo-os tão bem, que consegue identificá-los num primeiro contacto.

Então a independência dela torna-se algo mais, e ela percebe que não precisa de um relacionamento para ser feliz. Ela vai esperar por alguém que há de chegar. O envolvimento dela no mundo da moda, e a sua educação e experiência como gerente, levam-na a gerir uma das marcas de roupa da cadeia Inditex, o maior produtor de vestuário do mundo. Ao ser uma das melhores gerentes, das lojas Zara em Londres, Dasa vê a sua carreira profissional dar um pulo gigante.

Depois de 4 anos em Londres, Dasa já tem dinheiro suficiente para enviar para os pais e para a sua irmã e vive feliz e realizada, na cidade.

Um dia numa festa organizada por amigos da sua colega de casa, Ashley, Dasa conhece Miguel. A sua vida muda. O seu coração muda. Ela apaixonou-se. É, no entanto, no decorrer da relação que Dasa fica a saber que existe uma mulher na vida de Miguel e de António. O aparecimento de Sofia atira com Dasa para o precipício, completamente destrozada, grávida e sozinha.

Mais tarde quando tudo fica esclarecido, ela percebe que Miguel é verdadeiramente o homem que ela quer ter ao seu lado. Então decide abandonar tudo e ir viver com Miguel para a quinta no Douro. Um pouco igual ao que Maria fez, quando deixou tudo e foi viver com António para o Douro.

A personagem

Uma jovem alta, loira, magra, bonita e simpática. 27-32 anos. Checa. Veio da República Checa para Londres à procura de uma vida melhor. É muito segura e independente. Habituada às noites movimentadas de Stodolni Street, não se intimida com o ambiente de Londres. Modelo fotográfico e gerente de uma loja de roupa, gosta de se vestir bem e está a par da moda atual. Determinada, corajosa e de personalidade forte, encontra em Miguel uma pessoa interessante e apaixonou-se perdidamente por ele. A paixão e o amor entre os dois torna-se tão forte que ela engravida.

Quando Dasa descobre a sua gravidez e se prepara para dar a notícia a Miguel, é “apanhada” por Sofia que lhe mente sobre o namorado. Sofia revela a Dasa que está grávida de Miguel e este não consegue dizer que não, pois teve relações com ela. Dasa afasta-se de Miguel e decide ficar sozinha à espera de ter a filha, sem nunca contar a Miguel que estava grávida dele.

Quando Miguel se apresenta, para se despedir da ex-namorada, esta com uma grande barriga não consegue evitar a gravidez. Dasa e Miguel vivem um momento comovente e Miguel diz a verdade a Dasa sobre Sofia, fala da sua relação passada com ela e jura-lhe amor eterno se ela quiser ir viver com ele para Portugal. Dasa e Miguel despedem-se. Depois de ter a filha, Dasa vai para Portugal, para junto de Miguel, com quem sonha viver o resto dos seus dias.

Nota:

Estas são as 5 personagens mais importantes no decorrer da história. É sob a influência delas que o meu herói percorre o seu caminho, no mundo normal, no mundo especial e regressa ao seu mundo normal, já com uma nova perspetiva sobre o mundo e uma maior aceitação do seu ser.

Convém apresentar numa breve linha o que cada personagem quer, ou seja, qual é o seu principal objetivo ao longo da história:

- António quer continuar com o negócio da quinta.
- Miguel quer modificar o negócio da quinta.
- Sofia quer modificar o negócio da quinta e apoderar-se da mesma.
- Miguel quer mudar de vida.
- António quer que o tempo volte atrás.
- Dasa quer viver a sua vida com Miguel.

As personagens que têm um papel menos relevante:

Matias: Um homem de estatura média, gordinho, apresentável, simpático. 55 - 60 anos. Português. É um dos melhores médicos da cidade mais próxima e, grande amigo e confidente de António. Inteligente e cuidadoso, vai chamando António à razão quando o encontra num estado menos feliz. Vai alertando-o da sua doença, cirrose, e pedindo-lhe que pare de beber para que possa viver mais uns anos. No entanto a sua prece não tem efeito em António. Matias é também o ombro amigo, ou um “tio” de Miguel. É Matias quem traz Miguel ao correr da situação enquanto este está em Londres. Matias no decorrer da história acaba por se revelar o mentor de Miguel.

Matias é quem vai dar a triste notícia a Miguel, que António está no hospital, num estado muito mal. Matias vai esperar Miguel ao aeroporto, quando este regressa e informa-o da gravidez de Sofia. Matias é a pessoa mais próxima de Miguel depois da morte de sua mãe e do estado débil de António.

Manuel: Um homem baixo, gordito que sempre trabalhou na produção de vinhos da quinta. 60 - 65 anos. Português. Um trabalhador da terra. É o encarregado de António e tem uma grande obediência ao patrão. Com boas maneiras e simpático, acaba por ser um ombro amigo de Miguel, por vezes. Está sempre pronto para atender o patrão, e faz tudo o que é preciso. É o responsável máximo pela produção de vinho da quinta.

Júlia: Uma mulher baixa, gordinha, alegre. 50 - 55 anos. É uma mulher doméstica, viúva, que trabalha na agricultura e na quinta. É boa cozinheira e é ela que prepara as refeições em casa de António, é ela quem compra a comida, e é ela quem limpa a casa. Júlia é a mulher que toma conta da casa, depois da mulher de António, Maria, ter morrido. Não tem grandes afinidades com António, mas de vez em quando tem uma palavra a dizer a Miguel. António não lhe dá confiança nem hipótese de ela poder falar sobre a sua vida. Júlia simplesmente aparece para cozinhar, limpar e depois do seu trabalho feito, volta para sua casa, que fica na mesma aldeia.

Francisco: Um homem alto, moreno e meio gordinho, com barba serrada. 35 - 40 anos. É simpático, calmo e respeitador. É português e é enólogo. Faz trabalhos para a casa do Douro e sabe o que se passa por dentro, ou seja, sabe as dificuldades que a entidade apresenta. É um conhecido de António e de Miguel pois trabalha diretamente com eles, através da cooperação que a quinta de António tem com a casa do Douro.

Marco: Um jovem de estatura média, moreno e magro. É italiano e estuda na mesma escola que estudou Ashley e onde vai estudar Miguel. 30 - 35 anos. Empregado numa empresa de arquitetura em Milão, vem para Londres para ganhar novos conhecimentos em design de interiores e para desenvolver a sua expressão escrita e verbal em inglês. Bastante divertido e extrovertido, é quem organiza algumas festas na sua casa para os colegas de escola e outros amigos. Um dia convida Miguel para uma festa que se vai tornar um ponto de viragem na vida do protagonista.

Ashley: Uma jovem de estatura média, loira e magra. É inglesa e partilha a casa com Dasa. 30 - 35 anos, é uma profissional de design para interiores de lojas e espaços de lazer que trabalha numa empresa bem posicionada no mercado em Londres. Oriunda do norte de Inglaterra vem para Londres à procura de um sonho e uma carreira profissional como designer. Devido à sua criatividade e orientação para o detalhe, consegue terminar a pós-graduação com distinção.

Depois de estudar na escola onde vai estudar Miguel, faz um estágio nessa empresa e fica como contratada. Permanece em contacto com antigos alunos da escola, inclusive Marco com quem mantém uma amizade colorida.

É uma rapariga simpática que gosta de se divertir e tem um grande carinho e amizade por Dasa. Dasa é para Ashley a irmã que ela nunca teve. Como Dasa é mais nova, Ashley olha para ela com algum sentimento de proteção e com enorme respeito depois de conhecer a vida e as origens da checa.

Empregado (bar Londres): Um homem de média estatura, mas entroncado. De pele clara, olhos verdes e cabelo claro. Tatuado nos braços. 25 - 30 anos. É polaco. Cabelo meio comprido, com as pontas a tocarem-lhe na boca. É bonito e simpático. Sempre sorridente a atender os clientes. Olha Miguel com alguma curiosidade. Não mete conversa com Miguel, percebe que este quer ficar sozinho com o seu copo de whisky. Quando percebe que Miguel já não tem dinheiro para mais whisky, oferece-lhe o último copo e suavemente aconselha-o a abandonar o bar.

Médica (Londres): Uma mulher de pele clara, cabelos escuros e olhos verdes. É inglesa. Com um ar profissional e com um bonito sorriso maternal. 40 - 45 anos. Meia estatura e com um corpo trabalhado, que não sobressai muito, porque fica ocultado pela bata. De unhas arranjadas e pele tratada, com uma voz suave e amiga. Recebe Dasa muito bem, deixando-a bastante à vontade. Vai falando com ela para afastar o nervoso miudinho e trata muito bem a paciente até ao fim.

Secretária da escola (Londres): Uma mulher de pele enrugada. Já um bocado gasta devido ao mau vícios. 50 - 55 anos. Não se percebe se é alta, ou baixa porque aparece sentada. É inglesa. Com o cabelo curto e um pouco sem cor. Trabalha na secretaria da escola, desde a altura em que era uma jovem. Bastante atenciosa com Miguel, mostrando simpatia e preocupação com a situação atual de Miguel. Ajuda-o no preenchimento da papelada e garante-lhe que tudo ficará bem.

Casting

Ao pensar no casting para esta história, pensei em algo que pudesse provocar interesse e curiosidade nos espectadores. Não me servi dos mais afamados atores e atrizes para trazer um maior estrelato a esta obra, mas procurei encontrar atores que pudessem encarar estas personagens não como um trabalho, mas sim como um desafio.

António - Herman José

Miguel / miúdo - um miúdo parecido com o Ângelo Rodrigues

Miguel / adulto - Ângelo Rodrigues

Maria - Oceana Basílio

Dasa - atriz de teatro da República Checa a designar

Sofia - Carla Salgueiro

Matias - João Perry

Julia - atriz de teatro de Portugal a designar

Manuel - ator de teatro de Portugal a designar

Francisco - ator de teatro de Portugal a designar

Ashley - atriz de teatro de Inglaterra a designar

Marco - ator de teatro de Itália a designar

Empregado bar - ator de teatro da Polónia a designar

Médica - atriz de teatro de Inglaterra a designar

Secretária da escola - atriz de teatro de Inglaterra a designar

As “estrelas” que compõe o meu casting são pessoas que eu sigo com algum interesse e, que considero boas profissionais. Do lado feminino, Oceana Basílio e Carla Salgueiro, são duas das mais bonitas atrizes portuguesas. Para além disso, acredito que possam desempenhar um bom papel.

Do lado masculino, Herman José e João Perry dispensam apresentações. As suas vastas carreiras falam por si. Surge aqui, no entanto, um grande desafio ao jovem profissional, Ângelo Rodrigues, que no meu entender estará a par do papel que lhe foi proposto. Ainda assim, será fundamental perceber a sua capacidade de interpretação e locução em inglês.

Esta escolha de casting, deve-se essencialmente a previsões. Ou seja, não escrevi o guião a pensar nelas. É tudo uma questão de perceber como funcionam os rehearsals. Eu gostava de fazer com este elenco, mas tudo depende da capacidade de projeção/identificação de cada ator /atriz.

A minha escolha centra-se em Herman José e Ângelo Rodrigues para os principais papéis, porque penso que seja uma boa dupla.

Herman José, um dos maiores humoristas portugueses, tem aqui um papel de um homem frio, severo e distante. Para além disso, Herman é uma pessoa capaz de tocar piano, e falar várias línguas.

Neste contexto, o público ficará bastante interessado em ver um dos seus ícones do entretenimento a representar um papel tão diferente do que ele nos habituou.

Porquê que eu escolhia Herman José, para interpretar o papel de António? [De todos os papéis e escolhas para casting, talvez este seja o mais intrigante!]

Eu não procuro para este papel uma pessoa com os traços expressionistas de Miguel Torga, como procurou António Reis e Margarida Cordeiro. Eu procuro uma pessoa que, ao olharmos para ela, possamos perceber que não é dali, daquela região. De acordo com o perfil biográfico da personagem António, eu procuro alguém que possa dar a entender, pelos seus traços originais, que não é transmontano, mas que escolheu aquela região para viver.

Eu não escolhi o Herman José, porque gostava de o ver “morrer”! Mas sim, porque acho que o público português [e ele próprio], está tão habituado a vê-lo na televisão como comediante, como entertainer e bem disposto, que esta personagem de António, poderia ser talvez um dos objetivos mais aliciantes da sua carreira. Até que ponto, ele pode ir mais além daquilo a que nos habituou?

Ângelo Rodrigues é um dos jovens do momento, ícone da moda e com um dos papéis principais, numa novela de prime-time. Vem ganhando posição no panorama televisivo nacional.

João Perry terá aqui um papel importante na personagem de Matias, enquanto médico e amigo de António. Um ator muito conceituado da televisão nacional, enquadra bem nesta seleção, que poderá marcar esta história.

Estes são para mim as personagens mais marcantes da história.

Dasa enquanto pilar de Miguel, será interpretada por uma atriz de teatro/cinema checo. Não tenciono inserir uma “estrela” de cinema, pois o papel é simples, e é necessário contenção de custos.

As outras personagens são papéis fáceis, capazes de ser interpretados por atrizes experientes de teatro.

Conclusão

Ao desenvolver este projeto, depois do meu primeiro trabalho cinematográfico, [*in*] *seguro* (2007), achei que deveria desenvolver sobre algo que eu conhecesse bem. Surgiu, portanto, esta vontade, que se tornou num trabalho apaixonante, de poder investigar e desenvolver uma história sobre a minha região. Acima de tudo, eu sou telúrico e dou muito valor às minhas origens.

Ao escrever uma história sobre a região transmontana, estarei eu em vantagem perante António Reis ou Manoel de Oliveira? Eu que fui criado e educado segundo essa semicultura transmontana, com os seus costumes, tradições e crenças. Eu que sei os trejeitos, a língua e a mentalidade do povo que vive nas montanhas, na região nordeste de Portugal.

António Reis e Paulo Rocha trabalharam com o mestre Oliveira no seu primeiro, e um dos mais marcantes trabalhos, *O Acto de Primavera* (1963). Acredito que ligação destes três autores, para aquele trabalho, os tenha influenciado no atingir de vários objetivos pessoais. O filme *Os Verdes Anos* (1963) de Paulo Rocha, *O Acto de Primavera* (1963) de Manoel de Oliveira e *Trás-os-Montes* (1976) de António Reis e Margarida Cordeiro, são três dos filmes com melhor crítica, aclamados fora e dentro de Portugal.

Ao longo de mais de 50 anos, várias obras foram criadas tendo como base um único espaço - Trás-os-Montes. Da literatura ao cinema, música e televisão, algumas tornaram-se distintas pela simplicidade das suas gentes, outras pelas primordiais sub-culturas, cuja influência ia além da fronteira portuguesa - origens galaico-portuguesas, mas todas tinham em comum, uma beleza de um espaço montanhoso, e/ou o seu principal herdeiro, o rio Douro.

Ao pesquisarmos e observarmos essas obras e as compararmos com as mais recentes, percebemos o quanto evoluiu aquela região. O que mudou. O que ficou.

O meu trabalho prende-se com uma temática própria - o futuro de uma quinta no Douro - mas ao mesmo tempo, acaba por ser bastante genérica, pois ao pormos em causa o futuro de uma quinta, podemos pôr em causa o futuro de uma sub-cultura, os seus costumes e tradições.

Este trabalho possibilitou-me ganhar conhecimentos teóricos que desconhecia totalmente. Fico bastante agradado em ter descoberto tantas obras e tão reconhecidas sobre a minha região. Gostaria de com este trabalho fazer parte dessa corrente de cinema que se debruçou sobre a região transmontana.

“Caminhar sozinho” pode ser o ponto de partida para uma visão mais única e abrangente. Manoel de Oliveira, nos seus tempos mais jovem, era um homem só, assim como Miguel Torga. A preocupação com o tempo que passa, a capacidade de ver o mundo conforme ele é, a três dimensões e não a duas, como geralmente o vemos, no computador ou na televisão. Na altura, Oliveira e Torga não tinham esses problemas e podiam representar os seus espaços e personagens no seu esplendor máximo, simples e puros. No entanto, isso é uma das coisas que influencia o meu trabalho na hora de encontrar personagens únicas, puras e simples.

É preciso percorrer um longo caminho de reflexão e introspeção, para nos dias de hoje, conseguir uma obra que vá para lá da imagem. Que ganhe um valor sentimental e cultural na hora de retratarmos um espaço real. Que tenha, em todos os momentos, a sua identidade presente. É talvez o maior desafio dos cineastas autores. O cinema de autor que se encontra tão ameaçado pelo mainstream, os filmes criados por computadores, o filme que nos dá a ilusão de três dimensões.

Numa época em que o cinema era uma descoberta, longe das influências da tecnologia e do digital, a capacidade de tornar um filme belo e único, estaria com certeza ao alcance de muitos. Atualmente, depois de tanta evolução, o espetador quer sempre mais. Vive influenciado por aquilo que consome todos os dias e uma obra cinematográfica, ou acaba por ser distinta ou nunca ganha o seu valor comercial.

Gostaria de, no entanto, levantar uma questão final: Se Margarida Cordeiro, não fosse transmontana, natural de Mogadouro e médica psiquiatra, teria o filme *Trás-os-Montes* ganho a pureza e a simplicidade que ganhou?

No meu entender, Margarida Cordeiro dá parte da sua identidade, da sua vida, ao filme que distinguiu o casal como um caso único e paradigmático, capaz de criar um cinema que reflete um universo poético, sem paralelo, no cinema português.

Bibliografia citada:

ANEAS, André [2010], Blog sobre o reino de Deus, Arquivo da tag: Vinho, url: <<http://andreaneas.com/tag/vinho/>>

AVELLA, Nello [2001], “Corpo, espírito e vozes misteriosas das águas” - O Douro de Oliveira entre história, mito e criação artística, Revista Camões nº12/13, disponível no sitio Instituto Camões Portugal, url: <http://cvc.instituto-camoes.pt/index.php?option=com_docman&task=cat_view&gid=911&Itemid=69>

BRAUDY, Leo, COHEN, Marshall, *Film Theory & Criticism*, 7ª Edição, EUA, Oxford University Press, 2009, ISBN 978-0-19-536562-7

CAMPBELL, Joseph, *The Hero With a Thousand Faces*, 3ª Edição, EUA, New World Library, 2008, ISBN 978-1-57731-593-3

CARRIÈRE, Jean-Claude, *A Linguagem Secreta do Cinema*, Brasil, Nova Fronteira, 2007, ISBN: 9788520918302, p.42

CASIMIRO, Manuel [2001], *Manoel de Oliveira. Não vou por aí*, Revista Camões nº12/13, disponível no sitio Instituto Camões Portugal, url: <http://cvc.instituto-camoes.pt/index.php?option=com_docman&task=cat_view&gid=911&Itemid=69>

CUNHA, Paulo [2012], Novo Cinema Português (1949-80), blog sobre o período de renovação estética da história do cinema português entre 1949 e 1980, Portugal, url: <<http://www.paulomfcunha.com/ncinport/>>

ESTATISTICA, Instituto Nacional, Censos 2011, *Mais de um milhão e duzentos mil idosos vivem sós ou em companhia de outros idosos*, fevereiro 2012, Portugal, url: <http://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_destaques&DESTAQUESdest_boui=134582847&DESTAQUE_Smodo=2>

FUMERTON, Richard, JESKE, Diane, *Introducing Philosophy through Film*, United Kingdom, Wiley-Blackwell, 2010, ISBN 978-1-4051-7102-1

GRILO, João Mário [2001], *Funções Paradigmáticas de “O Acto da primavera” no cinema de Manoel de Oliveira*, Revista Camões nº12/13, disponível no sitio Instituto Camões Portugal, url: <http://cvc.instituto-camoes.pt/index.php?option=com_docman&task=cat_view&gid=911&Itemid=69>

GUEST Haden [2012], *The Films and Legacy of António Reis and Margarida Cordeiro*, University of California, Los Angeles, EUA, url: <<http://www.cinema.ucla.edu/events/2012-07-06/films-and-legacy-ant%C3%B3nio-reis-and-margarida-cordeiro>>

GUEST Haden [2012], *The Films and Legacy of António Reis and Margarida Cordeiro, Trás-os-Montes (Portugal, 1976)* University of California, Los Angeles, EUA, url: <<http://www.cinema.ucla.edu/events/2012-07-06/trás-os-montes-portugal-1976>>

KOBLER Helmut, *Anatomy of a Guerrilla Film - The Making of Radius*, Canada, Thomson Course Technology PTR, 2005, ISBN: 1-59200-910-7

LOURENÇO, Eduardo Augusto [2009], Revista semanal de divulgação espírita, São Paulo, Americana, Ano 3, Nº119 url: <http://www.oconsolador.com.br/ano3/119/eduardo_lourenco.html>

LUSA, Agência de Notícias de Portugal [2009], Café Portugal - Prazeres de viagem e de passeio, “Há ameaças muito sérias ao Douro” diz António Barreto, Portugal, url: <http://www.cafeportugal.net/pages/noticias_artigo.aspx?id=447>

LUSA, Agência de Notícias de Portugal [2011] Diário de Notícias, Douro perdeu 16 mil habitantes numa década, Portugal, url: <<http://www.dnoticias.pt/atualidade/pais/295959-douro-perdeu16-mil-habitantes-numa-decada>>

MORIN, Edgar, *O Cinema ou o Homem Imaginário*, Portugal, Trad. António-Pedro Vasconcelos, 1997, Lisboa: Relógio D' Água, p.26

MORIN, Edgar, *O Cinema ou o Homem Imaginário*, Portugal, Trad. António-Pedro Vasconcelos, 1997, Lisboa: Relógio D' Água, p.111

OLIVEIRA, Luís Miguel [1997], *Ciclos da Cinemateca Portuguesa - Museu do Cinema*, Crítica de Luís Miguel Oliveira sobre o filme *Ana* (1982) de António Reis e Margarida Cordeiro, Blog sobre vida e obra de António Reis, Portugal, url: <<http://antonioreis.blogspot.pt/>>

REIS, António [1969], *Trás-os-Montes - Poemas Quotidianos*, Blog sobre vida e obra de António Reis, Portugal, url: <<http://antonioreis.blogspot.pt/>>

RODRIGUES, Lourdes [2012], Traço Freudiano Veredas Lacainas - Escola de Psicanálise, Brasil, url: <<http://www.traco-freudiano.org/blog/?p=914>>

ROLANDO, Galvão [1998], *Vidas Lusófonas - Vida e Obra de Miguel Torga*, Portugal, url: <<http://www.vidaslusofonas.pt/index.htm>>

SIMENS, Dov S-S, *From Reel to Deal*, EUA, Grand Central Publishing, 2003, ISBN: 978-0-446-67462-1

VOGLER, Christopher, *The Writer's Journey*, 3ª Edição, EUA, Michael Wiese Productions, 2007, ISBN 978-1-932907-36-0

WALES, Jimmy [2001], Wikipédia - enciclopédia livre, disponível na world wide web “Rede de alcance mundial”, A Cidade e as Serras (2011), Português, url: <http://pt.wikipedia.org/wiki/A_Cidade_e_as_Serras>

WALES, Jimmy [2001], Wikipédia - enciclopédia livre, disponível na world wide web “Rede de alcance mundial”, Agustina Bessa-Luís (2012), Português, url: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Agustina_Bessa-Lu%C3%ADs>

WALES, Jimmy [2001], Wikipédia - enciclopédia livre, disponível na world wide web “Rede de alcance mundial”, António da Cunha Telles (2012), Português, url: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Ant%C3%ADnio_da_Cunha_Telles>

WALES, Jimmy [2001], Wikipédia - enciclopédia livre, disponível na world wide web “Rede de alcance mundial”, Camilo Castelo Branco (2012), Português, url: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Camilo_Castelo_Branco>

WALES, Jimmy [2001], Wikipédia - enciclopédia livre, disponível na world wide web “Rede de alcance mundial”, Cinema de Portugal (2012), Português, url: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Cinema_de_Portugal>

WALES, Jimmy [2001], Wikipédia - enciclopédia livre, disponível na world wide web “Rede de alcance mundial”, London (2012), Inglês, url: <<http://en.wikipedia.org/wiki/London>>

WALES, Jimmy [2001], Wikipédia - enciclopédia livre, disponível na world wide web “Rede de alcance mundial”, Miguel Torga (2009), Português, url: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Miguel_Torga>

WALES, Jimmy [2001], Wikipédia - enciclopédia livre, disponível na world wide web “Rede de alcance mundial”, Manoel de Oliveira (2012), Português, url: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Manoel_de_Oliveira>

WALES, Jimmy [2001], Wikipédia - enciclopédia livre, disponível na world wide web “Rede de alcance mundial”, Novo Cinema (2012), Português, url: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Novo_Cinema>

WALES, Jimmy [2001], Wikipédia - enciclopédia livre, disponível na world wide web “Rede de alcance mundial”, Portugal (2012), Português, url: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Portugal#Religi.C3.A3o>>

WALES, Jimmy [2001], Wikipédia - enciclopédia livre, disponível na world wide web “Rede de alcance mundial”, Região Vinhateira do Alto Douro (2008), Português, url: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Alto_Douro>

WALES, Jimmy [2001], Wikipédia - enciclopédia livre, disponível na world wide web “Rede de alcance mundial”, Trás-os-Montes e Alto Douro Province (2012), Português, url: <http://en.wikipedia.org/wiki/Tr%C3%AAs-os-Montes_e_Alto_Douro_Province>